

## A INTERTEXTUALIDADE APLICADA AO CONTEXTO PEDAGÓGICO

Alexandre Santos da Silva  
André Karaszuk Taniguchi  
Leonardo Cordeiro Ribeiro

**RESUMO:** Este artigo dialoga acerca das práticas metodológicas que podem usufruir dos recursos construídos pela intertextualidade, sendo ela *stricto sensu* ou *latu sensu*. Parafraseando teóricos como referência estabelece-se um debate a respeito das práticas de ensino no nosso mundo contemporâneo. Identificando e explicando os tipos intertextuais, são feitas propostas e métodos a serem considerados pelos docentes, com a finalidade de propor uma reflexão quanto a facilidade de assimilação de conteúdos pelos educandos em sala de aula.

**Palavras-Chave:** Docência, intertextualidade, mídia

**ABSTRACT:** This article discusses about the methodological practices that can enjoy the resources built by intertextuality, being it a *stricto sensu* or *latu sensu*. Paraphrasing theorists as reference, it establishes a debate about teaching practices in our contemporary world. Identifying and explaining the intertextual types, there are made proposals and methods to be considered by the teaching corpus, with the purpose of proposing a reflection on the ease of contents' assimilation by the students in the classroom.

**Keywords:** Teaching, Intertextuality, media

### INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é estabelecer uma reflexão acerca da aplicação da intertextualidade na educação básica. Em um século em que toda e qualquer informação é de fácil acesso, é fundamental que se desenvolva abordagens alternativas aos métodos tradicionais em busca de um maior engajamento por parte dos discentes para um melhor aprendizado; a utilização da intertextualidade prova-se muito viável na tentativa de superar este desafio pedagógico que tem sido recorrente na última década.

Postula-se que intertextualidade é o diálogo entre textos. Ela inclui citação, alusão e paródia. A intertextualidade é um processo linguístico na qual se cria a inter-relação entre os textos e gera entendimentos relacionados em diferentes formas. Este recurso é feito para influenciar o leitor da profundidade do texto e testa o conhecimento prévio do leitor, pois é

necessário ter conhecimento sociolinguístico já estabelecido para que o leitor consiga enxergar o intertexto e a discursividade pretendida pelo escritor. À primeira vista, o leitor pode pensar que se trata de plágio, pois a intertextualidade trabalha com construções linguísticas que remetem, e ou fazem alusão a um texto já conhecido.

A intertextualidade pode ser um recurso primordial para o professor que se depara com alunos que não gostam de ler textos, principalmente a literatura brasileira ou portuguesa que é repleta de léxico pouco usual e que possui uma estrutura narrativa complexa. É possível fazer o interesse do aluno se aguce por uma relação de um texto que ele conheça previamente com um texto que ele não conheça, e fazer assim, uma ponte de saberes e conhecimentos de que possa ser aperfeiçoado ao longo de sua vida estudantil. Nos excertos abaixo é possível perceber a intertextualidade:

Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
“Nossos bosques têm mais vida”  
“Nossa vida”, no teu seio, “mais amores.”

(Hino Nacional Brasileiro)

Nossas flores são mais bonitas  
nossas frutas mais gostosas  
mas custam cem mil reis a dúzia.

(MENDES, Murilo. Canção do exílio.)

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

(DIAS, Gonçalves. Canção do exílio.)

Como pode ser visto, o texto fonte é a Canção do Exílio de Gonçalves Dias e foi tomado como texto base para a elaboração dos outros dois. A semelhança entre o Hino Nacional Brasileiro e o poema de Mendes, é dada pela linguística por meio da intertextualidade, ou seja,

são diálogos possíveis na materialidade dos textos. E este é um tipo de recurso cujo os professores poderiam usar em sala de aula, com o intuito fazer com que o aluno desperte o interesse a leitura.

É de senso comum que alguns alunos não possuem o hábito de ler, seja ele pertencente a uma escola pública ou privada. E isso se deve ao fato da prática da não leitura desde o início do aprendizado escolar, seja por falta de incentivo familiar ou dos próprios professores que passam por suas vidas sem trabalhar esse interesse.

A intertextualidade pode ser um recurso muito importante para a prática de leitura do aluno, pois faz com que este leia pelo menos dois textos e faça a comparação e encontre semelhanças não só no texto verbal (escrito), como vimos nos exemplos acima, mas também não verbal (imagens) e no texto sincrético (que é a fusão dessas duas modalidades linguísticas. Segue o exemplo abaixo:



Figura 1 – O grito. Fonte: MUNCH, 1893.



Figura 2 – O grito. Fonte: THE SIMPSONS, 2005.

A importância da intertextualidade na prática linguística/discursiva para o aprendizado e leitura do aluno é de suma importância, pois o texto, segundo teóricos significa “a construção de sentidos” ou “a maior unidade de sentidos”, Koch (2008). Nele é possível perpassar por todas as competências linguísticas que formam um texto: morfologia, que trata da menor unidade de sentidos (morfemas); a sintaxe, que trata das relações e as funções dos elementos da frase; fonética e fonologia, que tratam dos sons; semântica, que trata da carga de significação do signo linguístico, significado/significante; e a pragmática, que trata da linguagem no seu contexto de uso.

Por meio da leitura é possível o aluno desenvolver sua capacidade de organização e de conhecimento e de transmissão de ideias. E na intertextualidade é possível fazer a leitura

comparativa, seja ela verificando apenas aspectos panorâmicos do produto, ou uma comparação mais profunda, quando se faz a análise interdiscursiva dos elementos constituintes dos textos comparados. A intertextualidade faz com que o aluno tenha uma visão geral não só dos textos atribuídos, mas também dos seus elementos constituintes.

No ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas é possível perceber o desinteresse do aluno em relação à leitura de obras literárias. Nota-se não só o desinteresse, mas também a pouca atividade de qualquer leitura no âmbito escolar, principalmente no ensino médio, período próximo ao vestibular da faculdade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Com o intuito de proporcionar uma perspectiva teórica acerca do fenômeno da intertextualidade, a obra *Intertextualidade: diálogos possíveis*, de Ingedore Koch (2012), categoriza os tipos de intertextualidade, e prova-se fundamental para a reflexão proposta por este artigo.

O livro *O Texto e a Construção de Sentidos*, também de Koch (2008) proporciona conceitos importantes para a reflexão deste artigo, pois aprofunda-se nas questões da intertextualidade e na aquisição do sentido, ideias importantíssimas para a aplicação em sala de aula.

Desireé Sampaio (2013), em sua dissertação *O Uso da Teoria da Intertextualidade no Livro Didático para o Ensino de Leitura* segue a mesma linha de pensamento desejada por esta reflexão, portanto será um importante apoio para a formulação deste artigo.

A obra *How to Teach English*, de Jeremy Harmer (1998), apesar de ter seu foco no ensino de língua inglesa, também propõe reflexões úteis para a prática docente de uma maneira geral, principalmente acerca da postura do professor e variabilidade de conteúdo e recursos.

É fundamental que um professor considere as múltiplas inteligências dos alunos, portanto, a obra do educador Howard Gardner, *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences* (2011), será considerada por este artigo durante a reflexão acerca da aplicação da intertextualidade na educação. Segundo o autor, existe um total de nove inteligências (incluindo a inteligência linguística, musical e artística), e cada indivíduo possui uma tendência maior a uma destas capacidades.

## ANÁLISE

A intertextualidade como fenômeno textual e natural na cultura da humanidade proporciona um amplo repertório para sua aplicação em sala de aula. O estudante do século XXI (geração Z) possui em suas mãos o acesso de aproximadamente 90% de toda informação humana por meio da internet; a indústria da mídia (incluindo cinema, música, videogames e entretenimento no geral) rende bilhões de dólares anualmente e atrai cada vez mais consumidores, em sua grande maioria jovens. Esta grande proximidade com a mídia e o fácil acesso ao conhecimento faz com que os estudantes deste século sejam consideravelmente mais informados que as gerações passadas durante a juventude; este fato, apesar de positivo, faz com que a prática docente se torne uma questão bastante delicada, pois gera o seguinte questionamento: como engajar os jovens nos estudos?

Este questionamento tem sido bastante recorrente entre os debates acerca da educação, e, apesar de existirem diversas propostas e soluções para contornar este desafio, poucas são provam-se viáveis quando considerada a realidade da educação brasileira. Devida à falta de recursos disponíveis nas escolas da rede pública, existe uma limitação no desenvolvimento de atividades extracurriculares ou até mesmo atividades cotidianas em sala de aula. No contexto limitado das escolas brasileiras, por muitas vezes restritas a um quadro negro e livros, é fundamental que se explore outras alternativas para a prática docente.

Dadas as limitações citadas anteriormente, a intertextualidade prova-se um recurso viável para a utilização em sala de aula. O trabalho com textos não requer uma ampla disponibilidade de recursos, portanto, em termos logísticos, seu uso é possível em qualquer contexto escolar.

Assim como o exemplo das relações intertextuais entre o poema “Canção do Exílio” com Hino Nacional Brasileiro apontado durante a introdução, é possível relacionar praticamente qualquer tipo de literatura com algum outro texto, seja ele uma relação intertextual direta ou caso possua alguma semelhança, mesmo que não intencional.

Uma das questões frequentemente ressaltadas durante a graduação é a de que um docente deve, necessariamente, contextualizar os conteúdos lecionados ao máximo possível, ou seja, estabelecer ligações entre os assuntos e a realidade do aluno, pois apenas assim o aprendizado será completo.

Esta questão da proximidade com o conteúdo prova-se verdadeira principalmente nos estudos da história e literatura, pois, por tratarem de assuntos relativamente distantes da

realidade e contexto dos alunos, a compreensão de determinados conceitos e fatos é problemática à grande maioria dos discentes. A intertextualidade, portanto, pode ser um dos principais recursos para estabelecer esta proximidade com o conteúdo.

Antes de introduzir possíveis ideias de atividades e dinâmicas pertinentes, é importante conceituar a existência de dois tipos de intertextualidade, a *stricto sensu* e a *latu sensu*. Como é dito por Koch (2012):

A intertextualidade *stricto sensu* [...] ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação. (p. 17)

Tendo esta citação como base, portanto, é possível afirmar que a intertextualidade *stricto sensu* é um fenômeno que se baseia em textos já produzidos e presentes na memória social de um determinado grupo. Em um primeiro momento, este é o principal segmento da intertextualidade que será útil para o ensino, pois, a primeira função desta reflexão é sua aplicação de acordo com os conteúdos a serem lecionados já planejados pelos professores, que, muito provavelmente são conteúdo baseados em textos já existentes, como é o caso de disciplinas como literatura, filosofia, história<sup>1</sup>, sociologia e artes.

O que, em um primeiro momento, pode parecer uma teoria voltada apenas aos estudos literários e artísticos, acaba por ser aplicável em diversas disciplinas da atual grade curricular do Ensino Médio. A Filosofia, que na maior parte do curso trabalha com textos teóricos, e até por muitas vezes complexos, pode fazer o uso da intertextualidade para facilitar a assimilação do conteúdo por parte dos alunos. Consideremos os diversos filmes, seriados e até mesmo livros literários que utilizam conceitos filosóficos na formulação de suas narrativas, é muito possível que se tire proveito destes elementos para a conceitualização e explicação teórica, ao mesmo tempo em que os discentes apreciem um outro tipo de mídia neste processo de aprendizado.

Em outras palavras, é possível afirmar que conteúdos que possuam ligações com mídias, principalmente as voltadas ao entretenimento, são fundamentais para a prática docente no século XXI. Como é dito por Harmer (1998):

---

<sup>1</sup> De todas as disciplinas mencionadas acima, é possível que história seja mais próxima da intertextualidade *latu sensu* que propriamente da *stricto sensu*, porém é válido considerá-la em ambas categorias.

Um dos grandes inimigos de um Ensino com sucesso é o tédio dos alunos. Isto é frequentemente causado pela mortal previsibilidade de muito tempo de aula. Alunos frequentemente sabem o que acontecerá em sala e eles sabem porque será o mesmo que ocorreu na última aula – e em todas as outras aulas antes daquela. Algo deve ser feito para quebrar esta sequência. (p. 5)<sup>2</sup>

De fato, é muito comum que as aulas de uma determinada disciplina caiam na mesma fórmula repetitiva, fazendo com que os alunos percam o interesse no aprendizado. É função do professor impedir que este processo aconteça, capturando a motivação dos discentes novamente, e a utilização da intertextualidade prova-se um recurso importantíssimo para esta tarefa. Uma das melhores maneiras de se trazer o interesse dos alunos para o assunto da disciplina é buscando referências que sejam próximas à realidade deste aluno.

Um exemplo de como esta teoria pode ser aplicada em sala de aula vem da própria literatura: suponhamos que um determinado professor precisa lecionar sobre a literatura de cavalaria, é muito possível relacionar este movimento literário com alguns filmes e séries, como no caso de *Game of Thrones* (2011), que faz diversas referências a este período da literatura. Caso este seriado seja demasiado forte para uma determinada sala de aula<sup>3</sup>, também é possível relacionar a literatura de cavalaria com o herói *Batman*, personagem das histórias em quadrinhos muito popular, tanto entre o público jovem quanto aos mais velhos, e possivelmente fará parte do conhecimento geral de todos.

Como é dito por Sampaio (2013):

O texto envolve, portanto, um movimento interacional, com os receptores de cada contexto histórico-social. E cada receptor, ao ativar seu repertório de leitura, interliga sentidos sedimentados culturalmente, produzindo uma dada leitura específica para o texto, resultante das relações intertextuais produzidas na própria leitura. (p. 31)

Com base na citação acima, conclui-se que a leitura e interpretação de um texto envolverá o contexto histórico-social do indivíduo, portanto, o estabelecimento de ligações entre um texto e outro facilita a aquisição do conhecimento, e, como dito anteriormente, a

---

<sup>2</sup> One of the greatest enemies of successful teaching is student boredom. This is often caused by the deadening predictability of much classroom time. Students frequently know what is going to happen in class and they know this because it will be the same as what happened in the last class – and a whole string of classes before that. Something has to be done to break the chain. (p. 5)

<sup>3</sup> É importante considerar a idade dos alunos ao selecionar um determinado conteúdo para fazer referência, pois algumas imagens e cenas podem ser pesadas ou ofensivas para uma certa faixa etária.

utilização das mídias em evidência na sociedade contemporânea é um agente facilitador no engajamento dos alunos.

A vertente da intertextualidade mencionada acima, a *stricto sensu*, é, em um primeiro momento, muito mais propícia para a utilização e aplicação em sala de aula, muito por conta de sua especificidade, ou seja, um texto, ou mídia, como mencionado, traz referências de um ou mais textos, estabelecendo, assim, uma relação entre textos. O fenômeno da intertextualidade, como dito anteriormente, também pode ocorrer em forma mais ampla, ou *latu sensu*, como é estabelecido por Koch (2012):

[...] neste capítulo, a perspectiva enfocada será a da Linguística Antropológica, representada principalmente pelo trabalho de Bauman e Briggs (1995), que apresenta as relações entre gênero, intertextualidade e poder social. A perspectiva escolhida assume que as ligações que podem ser estabelecidas entre um texto e outro (s) texto (s) ocorrem não apenas com enunciados isolados, mas com *modelos gerais e/ou abstratos de produção e recepção de textos/discursos* [...] (p. 85)

A intertextualidade *latu sensu*, portanto, abrange muito mais que apenas a relação entre um texto específico e outro, pois é uma vertente que considera, não apenas os textos, mas também os próprios gêneros textuais e as possíveis relações sociais existentes em determinados textos.

Por se tratar de uma teoria mais ampla, a intertextualidade *latu sensu* prova-se muito útil e flexível para a sua aplicação em sala de aula, principalmente em disciplinas voltadas aos estudos sociais, como no caso de História, Sociologia e Filosofia, embora também possa ser aplicada em outras disciplinas.

Uma atividade aplicando esta teoria intertextual pode até mesmo englobar uma relação interdisciplinar, como, por exemplo, um projeto que envolva História e Literatura. Consideremos os estudos sobre a Idade Média, período da Inquisição, mais especificamente a o período da Caça às Bruxas; um projeto envolvendo a intertextualidade *latu sensu* poderia explorar a imagem das bruxas “históricas” dentro da literatura, uma investigação das relações entre História e as literaturas posteriores a este evento histórico. Neste exemplo, percebe-se a amplitude da intertextualidade *latu sensu* que pode, conseqüentemente, englobar praticamente qualquer tipo de assunto.

A abordagem da intertextualidade *latu sensu* em sala de aula também proporciona uma excelente oportunidade para o docente explorar as múltiplas inteligências, como é estabelecido por Howard Gardner em *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences* (2011). Quanto



mais amplas forem as possibilidades de interpretação dos textos por parte dos discentes, as possibilidades de produção também serão maiores. Howard Gardner teoriza que cada indivíduo possui uma aptidão a um determinado tipo de inteligência, seja ela uma inteligência linguística, musical, social ou uma das outras seis possíveis; considerando essa ideia, é possível que a intertextualidade *latu sensu* abra mais oportunidades de produção efetiva por parte dos alunos.

É fundamental que, em qualquer tipo de processo educativo, os discentes sintam-se relacionados, próximos dos assuntos discutidos e estudados em sala de aula, porém, durante a produção de conteúdos legítimos dos alunos, também é importante que sejam exigidas, principalmente, tarefas dentro de seus atributos específicos, uma das inteligências, pois é importante explorar as habilidades com as quais os discentes sentem-se confortáveis, assim como esta flexibilidade de abordagens e produções proporcionam uma maior liberdade aos alunos, aspecto essencial para a formação de um cidadão, ainda que pouco presente nas escolas.

Embora esta reflexão sobre a intertextualidade em sala de aula seja pertinente, é importante ressaltar um grande problema na aplicação desta metodologia: a falta de recursos das escolas públicas no país. A falta de estrutura impossibilita a utilização de mídias na grande maioria das salas de aulas, o que elimina praticamente 80% de todo conteúdo disponível para se estabelecer relações intertextuais, sendo todo o restante textos físicos, que, apesar de ser possível distribuí-los aos alunos, também nem sempre há possibilidades financeiras para tal distribuição.

É fundamental que se repense e discuta, não apenas a forma de se lecionar, mas também que se questione a deficiência estrutural no ensino brasileiro, problema este que impossibilita a utilização de importantíssimos recursos na prática docente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que pode ser notado na intertextualidade, mais do que uma simples forma de leitura e de relacionar textos, é também uma maneira em que o leitor se depara com a comunhão de discursos e não como algo isolado. E esse fato é muito importante porque faz com que o leitor faça interconexões das mais variadas possíveis com o propósito de absorver o máximo de sentido do texto.

E essa comparação, relação entre os textos faz pensar ao leitor que ele já está acostumado com o “manuseio” de textos ou as “difíceis formas de relações” que nem se dá conta. No entanto, isso não isenta o professor, em sala de aula, trabalhar a intertextualidade

como forma de ensino, a fim de que os aprendentes possam elaborar maneiras de lembrar de textos em suas atividades de produção de escrita com finalidades diversas.

O intertexto, longe de ser gratuito, é estratégico e, por conseguinte, revestido de finalidades e de significações. Além disso, pela maneira como professor possa trabalhar com esse recurso, o intertexto pode gerar entendimentos não intencionados pelos alunos.

De uma forma ou de outra, no entanto, não se pode negar que as comparações construídas entre os escritos evidenciam, de modo particular o conhecimento de textos do escritor, e de maneira mais ampla, que as atividades de escrita e de leitura não podem e não são separáveis.

Portanto, a percepção das relações intertextuais, das referências encontradas nos textos, vai depender do conhecimento prévio do leitor, da sua bagagem de conhecimentos literários e de outras formas culturais. Logo, percebe-se a importância da leitura, principalmente daqueles escritos, ou obras, que constituem as grandes fontes da literatura universal. Quanto mais o aluno ler, mais se amplia o seu repertório e sua competência em perceber que os textos comparados estão fazendo referências entre si, por meio de citações e alusões. Por isso, cada livro, obra, escrito que o aluno ler, torna maior a sua capacidade de aprender, de maneira mais completa, os sentidos e as relações que os textos produzem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARDNER, H. *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*, Basic Books, 2011.

HARMER, J. *How to Teach English*. London: Longman, 1998.

KOCH, I. V. *Intertextualidade - Diálogos Possíveis*. São Paulo: CORTEZ, 2012.

KOCH, I. V. *O Texto e a Construção de Sentidos*. São Paulo: Contexto, 2008.

SAMPAIO, D. L. N. *O Uso da Teoria da Intertextualidade no Livro Didático para o Ensino de Leitura*. 2013.